

DISFLUÊNCIAS NA SINALIZAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): ANÁLISE PSICOLINGUÍSTICA DOS DADOS DE UM ENTREVISTADO SURDO

Disfluencies in Signing in Brazilian Sign Language (Libras): A Psycholinguistic Analysis of a Deaf Interviewee's Data

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-02

Glauber de Souza Lemos*

Erica dos Santos Rodrigues**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar disfluências produzidas na sinalização em Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante uma entrevista envolvendo um entrevistado surdo e um entrevistador ouvinte. O arcabouço teórico-analítico está alinhado aos estudos psicolinguísticos que têm se voltado à caracterização de disfluências na produção da linguagem oral (com identificação da estrutura de sequências com disfluências, momentos de ocorrência e função). Busca-se avaliar a possibilidade correlacionar tipos de disfluências das línguas orais com os observados nas línguas de sinais. Apresentam-se os tipos de disfluências em línguas de sinais mais recorrentes na situação de sinalização analisada, tais como pausas (preenchidas e silenciosas), reparos, repetições de sinais e reinicializações das segmentações, buscando-se identificar seus pontos de ocorrência, funções e processos cognitivos associados.

PALAVRAS-CHAVE: Disfluências. Língua Brasileira de Sinais. Entrevistado surdo. Interação em Libras. Estudos psicolinguísticos.

ABSTRACT: This article aims to analyze disfluencies produced in signing in Brazilian Sign Language (Libras) during an interview involving a deaf interviewee and a hearing interviewer. The theoretical-analytical framework is aligned with psycholinguistic studies focused on characterizing disfluencies in oral language production (by identifying the structure of sequences with disfluencies, their moments of occurrence, and their functions). The aim is to evaluate the possibility of correlating types of disfluencies in oral languages with those observed in sign languages. The article reports the most recurrent types of disfluencies in sign languages in the situation under scrutiny, including pauses (filled and silent), repairs, sign repetitions, and segmentation restarts, seeking to identify their points of occurrence, functions and associated cognitive processes.

KEYWORDS: Disfluencies. Brazilian Sign Language. Deaf interviewee. Interaction in Brazilian Sign Language. Psycholinguistic studies.

* Doutorando em Letras/Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID: 0000-0001-5907-1653. E-mail: glauberslemos(AT)gmail.com; gslemos(AT)ines.gov.br

** Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID: 0000-0002-3524-5820. E-mail: ericasr(AT)puc-rio.br

1 Introdução

A fala (de línguas orais-auditivas) e a sinalização (de línguas gestuais-visuais) são modalidades linguísticas que, embora façam usos de recursos distintos, são igualmente complexas do ponto de vista cognitivo e permitem a realização de uma multiplicidade de funções comunicativas – a expressão de ideias e de sentimentos, a elaboração de histórias, construção de questionamentos e argumentações, dentre outras (CARROLL, 2008, p. 224-247). O processamento da fala/sinalização requer que o falante/sinalizante mobilize um conjunto de habilidades – cognitivas, linguísticas, motoras – e ative um conjunto de conhecimentos – linguísticos, pragmáticos, enciclopédicos, além de mecanismos cognitivos, como memória e atenção, por exemplo. Dada a alta demanda dos processos cognitivos envolvidos, não é incomum que, na fala/sinalização espontânea, ocorram momentos de disfluências, em que o *continuum* da fala/sinalização é interrompido por pausas silenciosas, pausas preenchidas, prolongamentos de sons/sinalizações, repetições de palavras/sinais e situações de reparo (FOX TREE, 1995; MACGREGOR, 2008; WARREN, 2013; LICKLEY, 2015). Alguns autores chegam a considerar, inclusive, que, ao contrário do que normalmente se pensa, a fluência seria uma exceção e que as disfluências é que seriam características da produção espontânea e uma forma de compreendermos a capacidade cognitiva da linguagem humana (LICKLEY, 2015).

Há muitos trabalhos, de diferentes disciplinas, que abordam a investigação das disfluências (LEVELT, 1983, 1989; BOCK; LEVELT, 1994; FOX TREE, 1995; CARROL, 2008; MACGREGOR, 2008; WARREN, 2013; LICKLEY, 2015; dentre outros), mas a maior parte desses estudos volta-se para estudos das disfluências em línguas orais. Ainda há poucos estudos de disfluências que buscam caracterizar o que acontece em línguas de modalidade gestual-visual (NEWKIRK, *et.al.*, 1980; EMMOREY; TVERSKY; TAYLOR, 2000; HOHENBERGER; HAPP; LEUNINGER, 2002; EMMOREY; BOSWORTH; KRALJIC, 2009; NICODEMUS, 2011; CORINA; GUTIERREZ; GROSVOLD, 2014; WILKINSON, STEWART, 2013; DAVID; EMMOREY; NICODEMUS, 2015). Partimos do pressuposto que a modalidade em que uma língua é expressa pode impactar nos mecanismos requeridos na produção e na compreensão da linguagem; assim sendo, a investigação de disfluências em línguas de sinais se faz particularmente relevante. Nesse contexto, algumas questões de pesquisa se colocam: Quais

seriam os tipos de disfluências expressas nas línguas de sinais? Em que pontos da sinalização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocorrem as disfluências? A que processos cognitivos podem estar associadas as disfluências em Libras? Como a disfluência afeta a produção de sinalização?

Este estudo apresenta um caráter exploratório e irá se basear na análise de uma entrevista, entre os minutos/segundos de 00:00.000 até 03:26.820, com foco na identificação de disfluências em Libras. Assim, neste artigo, temos como objetivos observar e analisar os tipos de disfluências mais recorrentes, em que contextos ocorrem; e buscar identificar os possíveis fatores associados à produção de sinalização disfluente.

A seguir, iniciamos a revisão de estudos de disfluências em línguas orais e em línguas de sinais, com fundamentação teórico-analítica da Psicolinguística. Na sequência, apresentamos a metodologia, a análise e as discussões dos dados. Por fim, tecemos as nossas considerações iniciais sobre este estudo.

2 Disfluências nas línguas orais e nas línguas de sinais

Os processos de conceituação e de formulação de enunciados quando se fala/sinaliza são incrementais e os falantes/sinalizantes monitoram, de forma simultânea, sua própria fala/sinalização (LEVELT, 1983, 1989; CARROLL, 2008). Dado o alto esforço cognitivo que esses processos representam, podem surgir dificuldades/falhas no processamento da fala/sinalização, o que, por sua vez, pode resultar em disfluências e em erros.

Disfluências podem ser definidas como interrupções do fluxo da fala, as quais, muitas vezes, podem não adicionar um conteúdo proposicional (FOX TREE, 1995, p. 799; MACGREGOR, 2008, p. 6). Já os erros/lapsos de fala (*slips of the tongue*) caracterizam-se pela produção de uma forma/expressão linguística distinta daquela que foi planejada, podendo ser detectados no fluxo da produção, o que pode provocar uma situação de interrupção de fala. Neste trabalho, nosso foco principal é na análise de disfluências de forma ampla.

Parte dos lapsos que ocorrem na produção é percebida pelo sistema de automonitoramento da fala e é reparada antes mesmo do processo da articulação; outros, contudo, acabam sendo identificados no próprio fluxo da fala/sinalização, havendo, ainda, situações em que nem o próprio falante/sinalizante os identifica de imediato.

A Figura 1, abaixo, reproduzida de Warren (2013, p. 76)², caracteriza os momentos envolvidos na produção de uma fala disfluente, basicamente *interrupção* (quando da percepção do erro) e *reparo*, seguido de retomada, isto é, do *reinício* da sequência de fala.

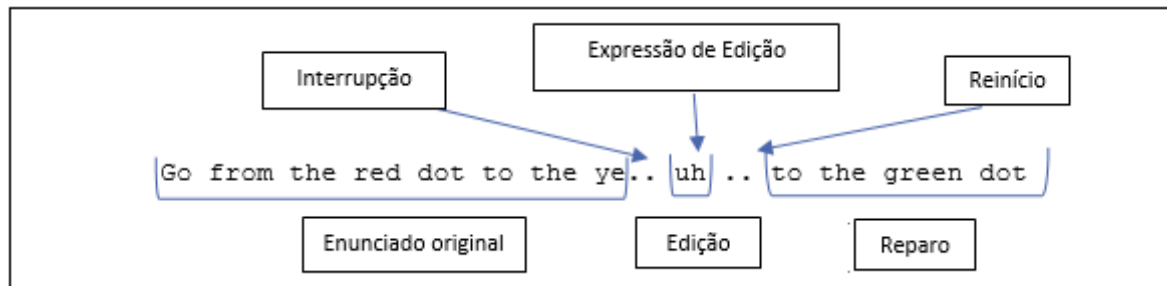


Figura 01: Esquema de reparo de uma sequência com disfluência
Fonte: Levelt (1983); Warren (2013, p. 75).

A sequência com disfluência exemplifica uma sentença produzida em estudo conduzido por Levelt (1983), em que, para eliciar a produção oral, o autor solicitava aos participantes que descrevessem um diagrama com nós, em que os nós representavam cores. Os participantes do experimento de Levelt eram instruídos que essa descrição deveria ser realizada de tal forma que um ouvinte fosse capaz de reproduzir o estímulo visual a partir da descrição feita pelo participante. A Figura 2 exemplifica o material usado no experimento:

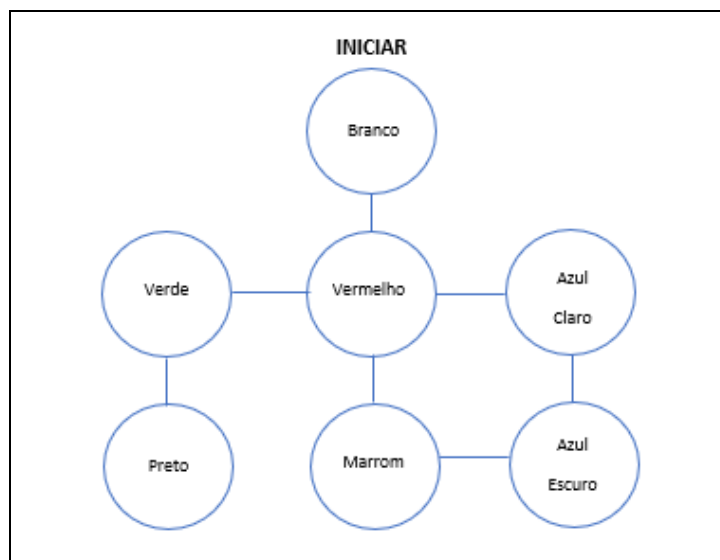


Figura 02: Exemplo de estímulo usado em experimento de eliciação de disfluências (LEVELT, 1983)
Fonte: Warren (2013, p. 75).

² Na adaptação proposta, mantivemos a sentença original em inglês para facilitar o entendimento da situação experimental em que foi produzida.

No processo de identificação do erro e correção, por vezes é empregada uma expressão de edição (no caso, *uh*), que sinaliza para o início do reparo³/correção. No exemplo apresentado chama a atenção o fato de a interrupção acontecer antes mesmo do término da produção da palavra, algo que não é incomum em situações de fala espontânea. Como dito antes, o falante é também ouvinte de sua própria produção e tem acesso, via seu sistema de compreensão (que atua no monitoramento da produção oral), às suas intenções de fala, podendo fazer correções assim que erros são identificados. Cumpre ainda notar que, em cada língua, são empregadas expressões de edição distintas e há estudos que buscam identificar funções específicas associadas a essas expressões (CLARK; FOX TREEE, 2002; MACGREGOR; CORLEY; DONALDSON, 2009). Um aspecto interessante a considerar na produção de reparos produzidos em situação de diálogo diz respeito ao papel do interlocutor; alguns estudos, por exemplo, discutem até que ponto disfluências seriam usadas no diálogo para gerenciar as expectativas do ouvinte, ou seja, teriam uma natureza intencional (FINLAYSON; CORLEY, 2012).

Nas línguas orais há seis principais tipos de disfluências e que surgem no ato da produção da linguagem, indicando dificuldades do processamento, sendo:

Quadro 01: Tipos de disfluências

Pausas preenchidas	Todos os tipos de dispositivos de hesitação, por exemplo, <i>uh, ah, hum, mm</i> .
Pausas silenciosas	Períodos de silêncio incomumente longos.
Repetições	Repetição de fonemas, de palavras ou de frases.
Reparos	Alterações de fonemas, de palavras ou de frases; intuito de corrigir um erro de fala ou alterar um significado.
Preenchimentos lexicais	Palavras convencionais que são semanticamente redundantes no enunciado, como <i>eu queria dizer que, você sabe, basicamente, gostaria de dizer que</i> .
Prolongamentos	Alongamentos silábicos, tais como “a” pronunciado como “aaaa”.

Fonte: MacGregor (2008, p. 7⁴).

Como indicado no Quadro 01 acima, os tipos de disfluências em línguas orais são manifestas, muitas vezes, por pausas, preenchimentos, reparos, repetições e prolongamentos. Nesse caso, as *pausas preenchidas* envolvem uma interrupção do discurso, causando um atraso, mas se segue a continuação do enunciado, sem ocorrer um retrocesso

³ O “autorreparo” foi estudado no âmbito da Análise da Conversa, com Schegloff, Jefferson, Sacks (1977). Ver em: The preference for self-correction in the organization of repair in conversation, **Language**, v. 53, p. 361–382.

⁴ Tradução nossa e em todo o texto.

do enunciado original (MACGREGOR, 2008, p. 8). Outros fenômenos de disfluências na fala ou no discurso são: correção(ões) de sentença(s); frases incompletas; gagueira (referindo-se à repetição de palavras parciais); sons prolongados de algumas palavras; interjeições de sons, sílabas, palavras e frases (incluindo, por exemplo, “uh” e “bem”); lapsos de fala; omissões de palavras ou partes de palavras; repetições, inserções, exclusões ou substituições de palavras (LICKLEY, 2015, p. 452-453).

Nas línguas de sinais, as disfluências são entendidas como autorreparos na produção da sinalização, com deslizos nas mãos e nas pontas dos dedos, apontando, assim, pausas, preenchimentos, reinícios (WILKINSON; STEWART, 2013; DAVID; EMMOREY; NICODEMUS, 2015). Desde os anos de 1970, os estudos psicolinguísticos focam análises de interações e conversas, sendo gravadas em vídeos, entre surdos ou sinalizantes; os dados apontam para erros e autoconsertos nos parâmetros das mãos (principalmente, identificam erros de encaixamentos de elementos morfológicos), além de erros de antecipações, lapsos das mãos e perseverações das mãos; há estudos focados em automonitoramentos na *American Sign Language* (ASL), principalmente, quando os surdos realizam “*feedback* visual” durante a produção de sua sinalização.

3 Estudos psicolinguísticos sobre disfluências em línguas de sinais

Os recentes estudos psicolinguísticos das línguas de sinais têm buscado explorar a relação entre a produção e a percepção da sinalização em língua de sinais, analisando os possíveis erros/lapsos na sinalização, as interferências articulatórias e os automonitoramentos visuais na memória de trabalho (BELLUGI; FISCHER, 1972; NEWKIRK, et. al., 1980; EMMOREY; TVERSKY; TAYLOR, 2000; HOHENBERGER; HAPP; LEUNINGER, 2002; EMMOREY; BOSWORTH; KRALJIC, 2009; WILKINSON; STEWART, 2013; CORINA; GUTIERREZ; GROSVOLD, 2014; BONO, et. al., 2014; DAVID; EMMOREY; NICODEMUS, 2015).

Bellugi e Fischer (1972) estudam três indivíduos ouvintes bilíngues e fluentes em ASL e em inglês. Esses jovens adultos são filhos de pais surdos (*Children of Deaf Adult – CODA*), ou seja, são nativos da língua de sinais, pois adquiriram a língua sinalizada em contexto familiar surdo. Na pesquisa dos autores, foi solicitado que os participantes contassem uma história pessoal, mas em três versões: uma em ASL, uma em inglês oral e uma sinalizando e

oralizando ao mesmo tempo. Os resultados indicam que as pausas são recorrentes durante o discurso, mas que, ao retomar das pausas, utilizam-se mais palavras orais do que os sinais.





Bono *et.al.* (2014) investigam, na Língua de Sinais Japonesa (LSJ), as diferenças linguísticas e os estilos de comunicação, em entrevistas de pesquisa, observando diálogos e elicitación lexical. Em perspectiva pragmática, analisam a conversa e multimodalidade da interação entre os participantes. Os pesquisadores solicitavam que os participantes assistissem a um desenho animado da década de 50, contendo personagens e uma narrativa animada; em seguida, precisavam relatar o que compreenderam. Com isso, observaram que os sinalizantes realizavam tomadas de turnos e sequências de reparos (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), além de anteciparem um turno de fala sem ter fechado o turno atual.

Emmorey, Tversky e Taylor (2000) apresentaram um mapa para sinalizantes de ASL e, após a apresentação, solicitaram que os participantes apontassem, em língua de sinais, os pontos do mapa, observando, assim, a memória visual. Os sinalizantes produziram significativamente menos pausas, preenchimentos, reinicializações (não sendo edição de expressões). Os pesquisadores notaram a ocorrência de disfluências, tais como pausas, desvios do olhar, olhar fixo para cima, olhos fechados.

David, Emmorey e Nicodemus (2015) analisam as correspondências de disfluências *hum* e *uh* em ASL. Os autores compreendem as disfluências como estando associadas a uma restrição de carga cognitiva e consideram que estão a serviço da função comunicativa, mesmo sendo um fator da produção da fala/sinalização em desordem. David, Emmorey e Nicodemus (2015) identificam quatro tipos de disfluências, com 20 ouvintes falantes de inglês e 20 surdos sinalizantes da ASL, sendo: pausas, preenchimentos, reinicializações ou falsos inícios, edição das expressões. Para o estudo, o experimentador solicitou que os participantes memorizassem um mapa com 13 pontos de referência. A pesquisa foi filmada e descrita. Observam que as disfluências em ASL impactam na modalidade da linguagem tanto no planejamento quanto na produção do discurso, por exemplo, quando frequentemente os sinalizantes mudam a direção do olhar ao realizar a pausa na sinalização. Os sinalizantes da ASL produziram os mesmos tipos de disfluências que os falantes de inglês, mas com menor frequência.

David, Emmorey e Nicodemus (2015) comparam disfluências do inglês para ASL, conforme Quadro 02, abaixo.

Quadro 02: Similaridades das disfluências entre inglês e ASL

TIPOS DE DISFLUÊNCIAS	DISFLUÊNCIAS EM INGLÊS	DISFLUÊNCIAS EM AMERICAN SIGN LANGUAGE	
Pausa	Parada do fluxo da fala		Mãos congeladas
Preenchimento	"hum"		Movimentando os dedos
Reinício	"E se... e se... e se"	"ATRAVESSAR (esquerda-direita) ... EM-FRENTE"	
Expressão de Edição	"Queria dizer que" "não não"	 	Balançado a cabeça negando

Fonte: David, Emmorey e Nicodemus (2015).

Os autores notam que os sinalizantes realizam a disfluência de expressão de edição, denominada de "headshakes" (balanço da cabeça), quando manual e não manualmente balançam a cabeça negativamente, com intuito de reformular uma informação sinalizada anteriormente errada. Em seus dados, identificam que na ASL são usados os "strokes na

cabeça” como forma gramatical para negar as frases erradas. Observaram, também, a pausa de olhar fixo (para cima) como disfluência. Veja na Figura 03.



Figura 03: Pausa na sinalização e olhar fixo
Fonte: Nicodemus (2011).

Nesta seção, apresentamos a revisão de literatura e as definições de processamento/planejamento e disfluência em línguas orais e em línguas de sinais. A seguir, apresentamos como realizamos a pesquisa e como tratamos os dados.

4 Descrição e metodologia de análise dos dados⁵

A geração dos dados foi naturalística, a partir de entrevista. O entrevistador ouvinte é Glauber, ouvinte, tem 33 anos de idade, Tradutor-Intérprete de Libras/Português do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU-INES). O entrevistado surdo é Marcio⁶, tem 22 anos e é aluno do DESU; nasceu ouvinte, mas teve meningite e ficou surdo com um ano e oito meses de idade; aprendeu o Português oral e escrito, em escola inclusiva.

A entrevista com Marcio foi gravada em 2019, com a utilização de uma câmera, para, assim, analisar a sua interação e sinalização em Libras. A duração de toda a entrevista foi de 17:18.165, mas analisaremos apenas a sinalização entre os minutos/segundos de 00:00.000 até 03:26.820⁷. A visualização dos dados foi realizada por meio do *Media Player Classic Home*

⁵ Estes dados foram aprovados na Plataforma Brasil pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) através do nº 3.078.523 e aprovação concedida pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), da instituição coparticipante, o Instituto Nacional de Educação Surdos (INES), com Parecer nº 3.327.113.

⁶ Nome fictício.

⁷ Por conta da alta complexidade do detalhamento da transcrição de uma língua visual-espacial, para fins deste trabalho, reportamos a análise de um excerto inicial da entrevista.

Cinema, pois este programa contém ferramentas de controle de velocidades e de contabilização de tempo (hora, minuto, segundo, milissegundo), permitindo, dessa forma, uma análise mais fina dos dados.

Adotamos um modelo de transcrição de dados multimodal (MONDADA, 2018). Optamos por esse tipo de transcrição, por conta de todos os elementos intrínsecos da linguagem verbal e não-verbal, tais como silêncio, gesto, olhar e, mais globalmente, todo o corpo, explorando, assim, a riqueza dos dados interacionais gravados por meio de vídeos (MONDADA, 2018, p. 86). Assim, os símbolos da transcrição são oriundos da Análise da Conversa (LODER, 2008) e da língua de sinais (BRITO, 1995; LEMOS, 2019). Seguimos a transcrição proposta pela estrutura linguística da língua de sinais (BRITO, 1995), com anotações em glosa escrita da sinalização (LEMOS, 2019). As junções dos símbolos da transcrição são descritas, abaixo, no Quadro 04.

Quadro 04: Convenção de símbolos

SINAL	Toda a sinalização em língua de sinais com letras maiúsculas
{palavra}	Oralização de uma palavra em português
((palavra))	Comentário do transcritor
(.)	Micropausa
()	Sinal não identificado ou entendido
[SINAL]	Sobreposição das sinalizações entre os participantes
.hh	Inspiração audível
SINAL:::	Prolongação de um sinal
SINAL	Ênfase em um sinal
SINAL.	Parada da sinalização
"SINAL"	Sinalização com ações construídas de uma situação, história, narrativa
SINAL-SINAL	Um sinal traduzido com duas ou mais palavras
S-I-N-A-L	Um sinal soletrado ou empréstimo linguístico
SINAL**	Um sinal repetido mais de uma vez
SINAL@	Um sinal sem marca o gênero (masculino ou feminino) ou plural
SINAL ^{INTERROGATIVO}	Um sinal é sinalizado com interrogação
¹³ SINAL ²³	Sinal verbal; flexão número-pessoal (1ª a 3ª pessoa do singular e plural)

Fonte: Lemos (2019).

Com objetivo de observarmos as expressões faciais e corporais, a gestualidade, a direção do olhar, as posturas, o distanciamento, dentre outros, obtivemos a contribuição do cartunista Douglas Feliciano Azevedo (que desenhou todas as cenas contidas neste artigo)⁸.

⁸ Os requadros desenhados são para preservar a identidade do entrevistado surdo. Selecionamos as principais cenas gravadas na entrevista de pesquisa, contendo, assim, um formato resumitivo e não sequencial da interação sinalizada. Optamos pelos requadros que apontam as disfluências em Libras.

Nas análises, buscaremos observar as disfluências e os respectivos tipos no fluxo do discurso. Por isso, será necessária a análise multimodal, para, assim, buscarmos padrões e recorrências das falhas e dos erros na sinalização de Márcio.

Dividimos a transcrição da interação em seis segmentos, contendo colunas que apresentam: (i) o *turno da sinalização* entre os participantes da interação (o entrevistador Glauber e o entrevistado Márcio); (ii) os *nomes dos interactantes* da interação sinalizada; (iii) o *tempo do turno da sinalização* por cada participante da interação; e (iv) a *transcrição* detalhada da interação sinalizada em Libras. Decidimos dividir em seis segmentos para observarmos com mais detalhes cada momento da interação e analisarmos cada tipo de disfluência.

5 Resultados

Neste estudo, apresentaremos a disfluência na sinalização em Libras do entrevistado-surdo. A seguir, o segmento 1, contendo a interação entre os dois participantes da interação.

SEGMENTO 1				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
1	1 2 3	Glauber	00:01-00:04	O-I ⁺ ((senta)) MÂRCIO ((realiza um sinal de batismo do entrevistado, com "M" na testa, mas exprimindo o olhar)) M ^{INTERROGATIVO}
2	4	Marcio	00:04	[O-I ⁺]
3	5	Glauber	00:04	[M ^{INTERROGATIVO}]
4	6 7	Marcio	00:04	[M ^{AFFIRMATIVO}] ((corrige a forma que sinaliza o seu sinal de batismo))
5	8 9	Glauber	00:05	[M ^{AFFIRMATIVO}] ((refaz o sinal de identificação do entrevistado))
6	10	Marcio	00:05	[CERTO]
7	11	Glauber	00:05	NOME ^{INTERROGATIVO}
8	12	Marcio	00:06-00:08	M-A-R-C-I-O
9	13 14	Glauber	00:08-00:09	.hh SIM ((acena com a cabeça)) VOCE ^{INTERROGATIVO} IDADE ^{INTERROGATIVO} VOCE
10	15	Marcio	00:09-00:10	EU TER 22:: ((00:09.947 - 00:11.719))

No segmento 1, observamos no turno 10, especificamente na linha 15, que Marcio responde ao pedido do entrevistador: a sua idade "EU TER 22::". Há ocorrência de prolongamento de 1,772 segundo ao responder a sua idade.

A seguir, o entrevistador Glauber solicita que o entrevistado Marcio relate como ocorreu a descoberta em ser surdo, quando "CRIANÇA::" (turno 13).

SEGMENTO 2				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
{...}	{...}	{...}	{...}	{...}
13	20	Glauber	00:14-00:21	PASSADO:: VOCE CRIANÇA:: ((exprime o olhar))
	21			COMO ^{INTERROGATIVO} ACONTECER DESCOBRIR SURDEZ
	22			LEMBRAR ^{INTERROGATIVO} COMO ^{INTERROGATIVO}
14	23	Mario	00:21-00:30	SIM ((acena com a cabeça; levanta os olhos e concorda))
	24			ENTÃO EU LEMBRAR ((pausa e olha para o lado e levanta a sobrancelha))
	25			TEMPO PERIODO{período}
	26			DESENVOLVER{processo} NASCER CERTO
	27			NORMAL{normal} TOD@ OUVINTE NASCER CERTO
	28			NORMAL::: .hh (.) ((00:28; pausa de 1 segundo)) ()
	29			ACONTECER MENINGITE (.)

Observamos a repetição sintagmática para topicalizar que nasceu “OUVINTE” e que “NASCER CERTO NORMAL{normal}”. Na linha 27 e 28, novamente repete que “NASCER CERTO NORMAL:::”, com prolongamento do sinal “NORMAL:::” de 0,843 milésimo de segundo, conforme vemos na Figura 04, abaixo.

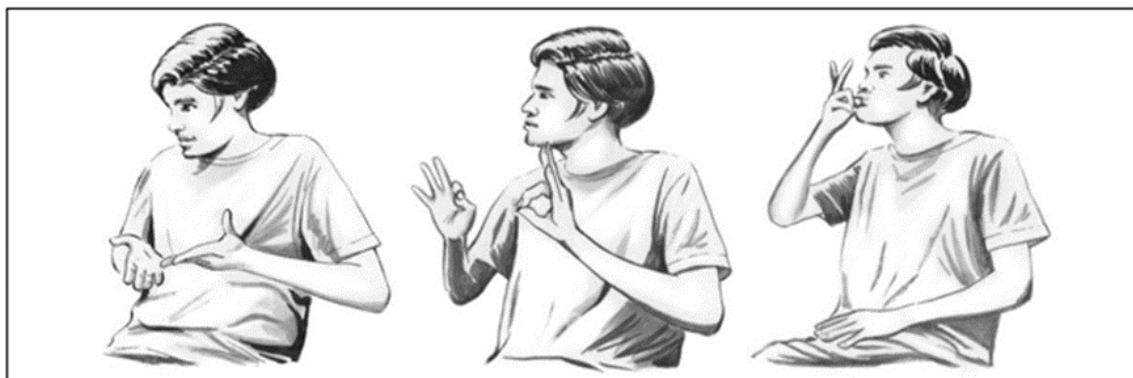


Figura 04: Repetição

Em 00:28.847, Marcio realiza outra disfluência: um truncamento (sinal incompleto). Veja a Figura 05, abaixo.

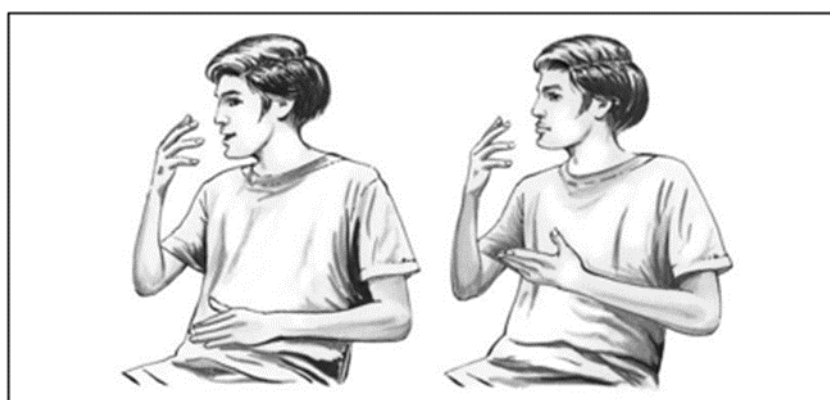


Figura 05: Sinal incompleto

Observamos, acima, que há mais uma disfluência de Marcio em sua sinalização, em 00:28.976 a 00:29.251, totalizando 0,275 segundos (ou 275 milissegundos). Aqui, percebemos que o entrevistado surdo realiza um processamento e planejamento da sinalização, com olhar para baixo e pausa, mas segue, em 00:29.254, retornando a sinalização. Em seguida, há prolongamento enfático ao realizar o sinal de “MENINGITE”, no pescoço e permanece fixado por 1,394 segundos.

SEGMENTO 3				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
(...)	(...)	(...)	(...)	(...)
14	30	Marcio	00:20-01:03	MAIS CONHECER () ((faz um sinal incompleto; olha para cima por 1 segundo))TOD@ SABER MENINGITE M-E-N-I-N-G-I-T-E .hh (.) ((micropausa; levanta a sobrancelha esquerda)) <E ESS@ (.) ((00:35; micropausa)) ACONTECER> É IDADE 1 ANO 8 MÊS ((00:40; micropausa)). MAS (.) ((00:42; micropausa)) ESS@ MOMENTO PERÍODO (.) ((olhar direcionado e compenetrado)) MULHER ((não encosta o sinal no queixo; não completa o sinal)) MÉDIC@ FALAR “Ei@ V-A-I CERTO SURD@:” (.) ENTÃO EL@ MÃE MINHA{minha} SABER-NÃO ASSUNTO INFORMAÇÃO SURD@ .hh ((00:51 - 00:52; faz movimento levantando o tórax, como quem toma ar; encosta na cadeira; retoma a fluência)) ESS@ JÁ COLOCAR ESCOLA INCLUSÃO:: ((00:55 - 00:56; micropausa)). MAS PORQUE INFORMAÇÃO SURD@ ASSUNTO{sobre} INTÉRPRETE NADA:: ((00:59:099 - 00:59:638; micropausa)) PERÍODO 20::02 MAIS-OU-MENOS[20::03]

Observamos, no segmento 3, que Marcio realiza mais um sinal incompleto, em 00:32.135 segundos, como apontado na Figura 06, abaixo.

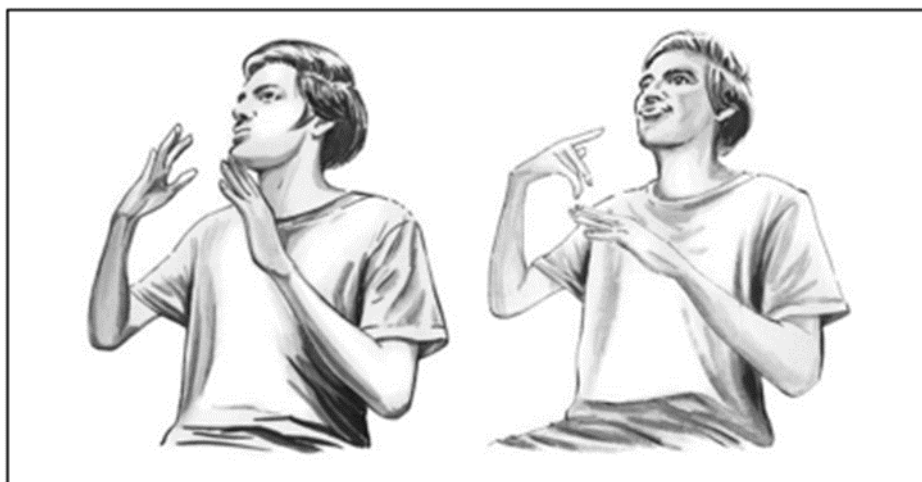


Figura 06: Sinal incompleto

A disfluência, marcada nas linhas 30 e 31, parece estar associada a um processo de busca no léxico mental (LEVELT, 1983, 1989). O entrevistado surdo tem dificuldade em dar continuidade à explicação sobre o tópico “MENINGITE”, por conta da busca da informação a ser narrada. Essa disfluência totalizou 0,384 segundos (ou 384 milissegundos, sendo de 00:32.135 – 00:32.519). O reinício da sinalização ocorre com a recuperação do que estava sendo formulado e dá-se segmento da sua narrativa, avaliando que “TOD@ SABER MENINGITE M-E-N-I-N-G-I-T-E” (turno 14; linhas 32-33). É interessante observarmos que na linha 33, ao realizar uma micropausa, Marcio levanta as sobrancelhas, marcando e enfatizando a “construção de tópicos” (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019).

Em seguida, as linhas 34 a 37 apontam pausas na sinalização em alguns segundos, tais como 00:35, 00:40, 00:42. Depois disso, o entrevistado surdo narra que a sua família o inseriu em contexto inclusivo “COLOCAR ESCOLA INCLUSÃO:::” (linha 45), realizando um prolongamento seguido de mais uma pausa. Entre outras pausas, o sinalizador faz uma autocorreção, a partir de uma data não precisa: “PERÍODO 20:::02 MAIS-OU-MENOS[20:::03]” (linhas 48-49).

Na Figura 07, abaixo, podemos observar a sequência e o reparo sobre o cálculo mental (EMMOREY *et. al*, 2000; DAVID *et. al*, 2015).



Figura 07: Reparo

A seguir, analisaremos os movimentos e posições das mãos que indicam o repouso da/na sinalização. Na perspectiva multimodal de língua de sinais é necessário também incorporar a análise de gestos não linguísticos e como estes se diferenciam, por um lado, e se integram, por outro, ao fluxo da sinalização.

SEGMENTO 4				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
(...)	(...)	(...)	(...)	(...)
34	74	Marcio	01:26-01:34	NASCER LÁ SÃO-GONÇALO LÁ ((01:27:737 - 01:28:652; desce as mãos e para de sinalizar; pausa))
	75			((realiza dois gestos não identificados))
	76			INCLUSÃO CRIANÇA OUVINTE OUVINTE EU ÚNICO
	77			SURDO ((faz encenação de olhar as crianças))
	78			MAS FALAR ((desce a mão))
	79			((ia realizar um sinal como se fosse aparelho,
	80			mas faz o seguinte)) [OUVIR POUCO]
	81			
	82			

No segmento 4, precisamente, na linha 74, Marcio narra que “NASCER LÁ SÃO-GONÇALO LÁ”. Observamos que em 01:27:737 a 01:28:652, o sinalizante faz uma pausa longa, baixando e repousando as mãos sobre as pernas, assim como vemos na Figura 08. Durante 915 milissegundos, o entrevistado surdo fixa o olhar para frente, pisca algumas vezes, mexe os lábios, expira e levanta as sobrancelhas, possivelmente, indicando que está processando o que irá apresentar em sua narrativa.



Figura 08: Repouso das mãos sobre as pernas

Aqui, há disfluência em língua de sinais, como pesquisado nos estudos de Bono *et. al.* (2014), pois há posição de descanso das duas mãos sobre as duas pernas e direcionamento

do olhar fixo, evidenciando que o surdo ganha mais tempo para processar a informação a ser encaixada (BOCK; LEVELT, 1994) no próximo reinício da sinalização.

Com o reinício da sinalização em 01:28.931, Marcio apresenta dois gestos, com as duas mãos (CARROLL, 2008), como indicado na Figura 09.

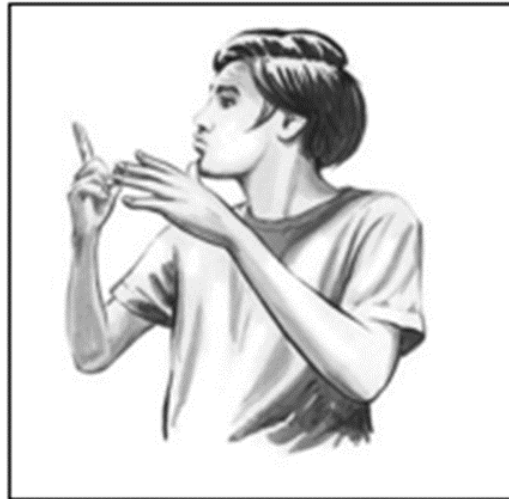


Figura 09: Gestos

Esses dois gestos têm duração de 377ms e, logo em seguida, Márcio, realiza uma expressão de edição ao balançar a cabeça reconfigurando os gestos para sinais de “INCLUSÃO” (linha 78). Em seguida, percebemos a repetição em “CRIANÇA OUVINTE OUVINTE”. Há novamente o repouso das mãos sobre as pernas, quando o sinalizante relembra a situação de ser incluído em escola de ouvintes.



Figura 10: Repouso das mãos sobre as pernas

Na Figura 10, podemos observar que o sinalizante surdo busca em seu acervo lexical (BOCK; LEVELT, 1994) um sinal para encaixamento de sua narrativa, processando, assim, a informação (WARREN, 2013) até que sinaliza “OUVIR POUCO” na linha 82.

SEGMENTO 5				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
35	83	Glauber	01:34	[ORALIZAR]
36	84	Marcio	01:35	[ORALIZAR:::] SIM ((concorda com a cabeça))
	85			((01:36:624 - 01:36:921; micropausa)) FAMILIA
	86			OBRIGAR ⁺⁺⁺ OBRIGAR ((01:38:541 - 01:39:181;
	87			micropausa)) PERCEBER ⁺⁺ OBRIGAR OBRIGAR
	88			INCLUSÃO ESCOLA 5 FALAR ORALIZAR MAS
	89			ERRADO{errado} ERRADO [SILÊNCIO ((encenando))]
37	90	Glauber	01:44	[ORALIZAR ERRADO]
38	91	Marcio	01:44	[ERRADO] ERRADO ERRADO
	92			MAS SENTIR VERGONHA TODOS-FALANDO ⁺⁺⁺ O-QUE O-
	93			QUE SENTIR UM EU PORQUE DIFERENTE [°] OLHAR [°]
	94			MESMO 5 ((01:52:756 - 01:54.263; desce a mão;
	95			micropausa)) {ai} (.) ACONTECER (.) MESMO
	96			TRATAMENTO FAZER 5 IDADE VIR INES ALI INES ⁺⁺⁺
	97			((01:59:773-01:59:941; micropausa, olhando
	98			para cima)) FAZER SABER DESCOBRIR SURD@
	100			AUDIOMETRIA 2 {outro} O-QUE TER PORCENTAGEM-
	101			OUVIDO{porcentagem} ⁺⁺ SABER ESS@ MULHER
	102			PSICÓLOG@ [°] AVISAR [°] [°] VOCE APROVEITAR LÁ TER
	103			INTÉRPRETE PRÓPRIO SURD@ ((02:11:243 - 02:11-
	104			626; micropausa)) ESPECIAL [°] PASSADO FALAR
	105			ESPECIAL ((02:13:578 - 02:13:934; micropausa))
	106			MOMENTO FALAR ESPECIAL HOJE MOMENTO NÃO
	107	((acenando negativamente com a cabeça)) NÃO-É		
	108	SURDO ESPECIAL É NORMAL IGUALITÁRIO ANTES		
	109	FALAR ESPECIAL [°] {ah} MAS {casa}MORAR LONGE::		
	110	NÃO ((negando com a cabeça)) RIO-DE-JANEIRO [°]		
	111	PENSAR [°] TER ESCOLA NITERÓI LÁ NOME SINAL		
	112	((realiza o sinal respectivo a escola)) A-N-N-		
	113	E S-U-L-I-V-A-N [°] ESCOLA LÁ É ESPECIAL FOCO. LÁ		
	114	{estudei}ESTUDAR LÁ COMEÇAR IDADE 6. LÁ::		
	115	COMEÇAR APRENDER SINALIZAR ⁺⁺⁺ [LÁ TER]		
			02:38	

Glauber concorda com o tópico narrado por Márcio sobre “oralização na escola”, sinalizando “[ORALIZAR]” (turno 35). Assim, no turno 36, Marcio realiza um prolongamento ao sinalizar “ORALIZAR:::” entre 01:35.272 a 01:36.898, aderindo ao tópico, mas com uma pausa sobre esse sinal, recolhendo a mão esquerda sobre a perna esquerda, fixando o olhar para frente, encostando a coluna sobre a cadeira (em três movimentos) e realizando uma inspiração singela.

Em seguida, a repetição do sinal “OBRIGAR⁺⁺⁺ OBRIGAR” é realizada por quatro vezes e há uma nova disfluência na sinalização. Novamente, Márcio olha fixamente para frente preparando a segmentação de sua narrativa. Identificamos um preenchimento similar ao “hum” na sinalização (DAVID; EMMOREY; NICODEMUS, 2015), com um rápido movimento

entre os dedos da mão direita e mexida com a bochecha, em 01:38.931, como vemos na Figura 11.



Figura 11 – Preenchimento

O entrevistado surdo dá reinício à sinalização, com repetições de sinais, tais como “PERCEBER+++” (linha 87), “OBRIGAR OBRIGAR” (linha 87), “ERRADO{errado} ERRADO” (linha 89), “[ERRADO] ERRADO ERRADO” (linha 91), “TODOS-FALANDO+++” (linha 92), “O-QUE O-QUE” (linhas 92-93), “INES” (linha 96), “PORCENTAGEM- OUVIDO{porcentagem}” (linhas 100-101), “SINALIZAR” (linha 115).

Na linha 94, ao sinalizar “MESMO 5”, novamente, Marcio repousa as duas mãos sobre as duas pernas, evidenciando outra disfluência na sinalização, entre 01:52.756 a 01:54.263. Entre esses 1,507 segundos, Marcio fixa o olhar para frente, mexe/movimenta a boca, pisca, inspira e dá reinício em 01:54.396. Em seguida, o sinalizante surdo insere micropausas em sua narrativa, como podemos ver nas linhas 95, 96, 97, 98, 103, 104, evidenciando planejamento de sua sinalização em língua de sinais. No segmento 6, a seguir, observaremos preenchedores na sinalização.

SEGMENTO 6				
TURNO	LINHA	INTERACTANTES	TEMPO	INTERAÇÃO EM LIBRAS
(-)	(-)	(-)	(-)	(-)
41	121 122	Glauber	02:49-02:50	[PROFESSOR@] SURD@ OUVINTE LÃ ^{INTERROGATIVO}
42	123 124	Marcio	02:50-02:58	OUVINTE ^{***} . ESCOLA ESS@ TER É GOVERNO PRÓPRIO BILÍNGUE [ASSIM BILÍNGUE]
43	125 126	Glauber	02:58	[ANO-PASSADO ^{INTERROGATIVO}] MAIS-OU- MENOS ^{INTERROGATIVO}
44	127	Marcio	02:58-03:00	PERÍODO 2005 [2005]
45	128	Glauber	03:00	[PERÍODO]
46	129 130 131 132 133 134 135 136 137	Marcio	03:01 03:26	[2005] (.) EL@ F-I-M 2008 2008 JÁ SINALIZAR MAS ACONTECER MULHER ^{“VER”} EU ((03:11:603 - 03:12:147; micropausa)) DISCIPLINA CONHECIMENTO-SUBIR DIMINUIR- CONHECIMENTO ACONTECER CERTO EU APRENDER NÃO. MOMENTO PERÍODO SUPORTAR ((03:18:955 - 03:20:731; micropausa)) CONSEGUIR-NÃO ACOMPANHAR NÃO. PEGAR RETIRAR COLOCAR LUGAR ESCOLA DE-NOVO INCLUSÃO OUVINTE {ai} [LÃ]

Com o questionamento do entrevistador-ouvinte-sinalizante sobre qual período estudou na escola bilíngue, Marcio faz uso de repetições “2005 [2005]” (turno 44, linha 127) e “2008 2008” (turno 46, linha 129) para, assim, contabilizar o tempo em que esteve presente na escola.

Na linha 131, há uma pausa de 544 milissegundos (03:11:603 – 03:12:147) seguido de um reinício da sinalização. Depois disso, em 03:20.026, conforme vemos na Figura 12, observamos que Marcio segue sinalizando e mexe a boca, sonorizando em português um preenchimento “hã” e “eh”, inclina a cabeça, e, em seguida, segue sinalizando em Libras.

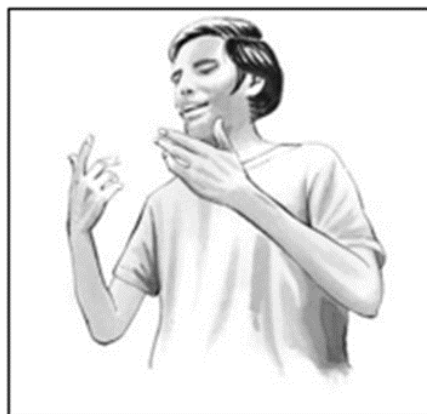


Figura 12 – Preenchimento

Nesse momento, balança com a cabeça negando, apontando, assim, expressão de edição, principalmente, quando vemos o encaixamento (LEVELT, 1983) em que “CONSEGUIR-NÃO ACOMPANHAR NÃO.” (linhas 135-136).

6 Discussão e resultados

Nos dados de Marcio, em análise durante os 03:30 da interação, observamos que as disfluências do sinalizante surdo, ora influenciavam no percurso da produção da sinalização, ora pareciam estar associadas à situação de planejamento da sinalização, ora a ações de reparo, que influenciavam no fluxo da produção dos sinais. Vimos, também, que algumas das disfluências do entrevistado surdo revelaram repetições, alongamentos, pausas, preenchimentos e expressões de edições no discurso sinalizado.

Na tabela 01 podemos observar uma tipologia comum de disfluências na produção da sinalização em Libras do entrevistado surdo.

Tabela 01 – Principais tipos de disfluências na sinalização em Libras no trecho analisado









TIPOS	QUANTIDADE
Expressão de edição	03
Pausas	14
Preenchimentos	02
Prolongamentos	14
Reinícios	07
Reparos	01
Repetição de frases	02
Repetição de sinais	12
Repousos das mãos	07
Sinais incompletos	08
Total	70

Na Tabela 01, acima, estão descritos os tipos de disfluências comuns que foram identificados na produção da sinalização do entrevistado e observamos que as disfluências mais frequentes foram as pausas e os prolongamentos, respectivamente com 14 ocorrências, seguido de 08 sinais incompletos.

É interessante apontar que ocorreram 07 retrações/recolhimentos na sinalização de Marcio, evidenciando momentos de disfluência complexa, por exemplo, o descanso das mãos sobre as pernas, para, assim, realizar o processamento da sinalização.

No Quadro 05, abaixo, exemplificamos os tipos de disfluências em Libras de Marcio na entrevista.

Quadro 05 – Tipos de disfluências em Libras

TIPOS DE DISFLUÊNCIA	DISFLUÊNCIA EM LIBRAS	
Pausa		
Repouso das mãos		Posição de descanso das duas mãos sobre as duas pernas e olhar fixo
		Repouso das mãos sobre as pernas e o olhar fixo
Reinício		
Repetições		
Reparos/Expressão de Edição		
Preenchimentos		"hum"
		"hã" ou "eh"

7 Considerações finais

No presente estudo, cujas considerações são iniciais, apresentamos como um entrevistado surdo realiza disfluências na sua sinalização em Libras. Por meio de uma transcrição e análise multimodal, identificamos a ocorrência de 70 disfluências e de 10 tipos, apontando, assim, momentos de exigência cognitiva na sinalização do entrevistado surdo Marcio. Identificamos, também, que as disfluências em Libras são similares às que acontecem nas línguas orais.

Constatamos momentos de disfluência na sinalização em Libras, com falsos inícios e com preenchimentos de edições para construção da conversação e da narrativa de Marcio. Além disso, as pausas para realização da sinalização ora apontavam para um momento de processamento custoso – tanto nas construções frasais quanto nas buscas de sinais no léxico mental –, ora evidenciavam um momento de esforço do planejamento cognitivo do entrevistado surdo. Mesmo que a análise seja só de Márcio, precisamos considerar quem é o interlocutor surdo na interação conversacional, porque, possivelmente, pode ter afetado o planejamento e a produção dos sinais do entrevistado. Além disso, muitos momentos da interação de Márcio com Glauber podem ter exigido do próprio sinalizante surdo um automonitoramento de sua sinalização e da construção de sua conversação e da rememoração de suas histórias de vida (autobiográficas). Houve alguns momentos de autoconsertos e outros de interrupção da sinalização, principalmente, quando recolhia as suas duas mãos sobre suas pernas, podendo, dessa forma, indicar situação de acesso lexical (talvez buscando e selecionando sinais mais adequados para aquele momento da interação).

Por fim, cabe reforçar que o estudo aqui apresentado tem caráter exploratório e marca um início de projeto de investigação. Alguns aspectos discutidos neste artigo serão aprofundados em estudos futuros, a partir da ampliação dos dados analisados bem como do universo de entrevistados. Pretende-se analisar não só a produção de sinalizantes surdos (considerando diferenças no que tange ao momento de aquisição da língua de sinais) como também a produção de sinalizantes ouvintes. Está também no horizonte de investigação ampliar os contextos de produção, com análise de disfluências que ocorram em diálogos envolvendo apenas participantes surdos. Ainda, aventa-se a realização de experimentos similares ao proposto originalmente por Levelt (1983).

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento de bolsa de pesquisa do primeiro autor, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela Bolsa de Produtividade (Pq2) da segunda autora.

Referências

BELLUGI, U.; FISCHER, S. A comparison of sign language and spoken language. *Cognition*, v. 1, p. 173–200, 1972. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(72\)90018-2](https://doi.org/10.1016/0010-0277(72)90018-2). Acesso em: 30 nov. 2021.

BOCK, K.; LEVELT, W. J. M. Language Production Grammatical Encoding. *In*: GERNSBACHER, M. A. (ed.). **Handbook of Psycholinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 945-984.

BONO, M.; KIKUCHI, K.; CIBULKA, P.; OSUGI, Y. **A Colloquial Corpus of Japanese Sign Language**: linguistic resources for observing sign language conversations. Reykjavik, Iceland: European Language Resources Association (ELRA), 2014. Disponível em: <https://aclanthology.org/L14-1253/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRITO, L. F. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CARROLL, D. W. **Psychology of language**. 5. ed. Australia; Belmont, CA: Thomson-Wadsworth, 2008.

CLARK, H. H.; FOX TREE, J. E. Using uh and um in spontaneous speaking. *Cognition*, v. 84, p. 73–111, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(02\)00017-3](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(02)00017-3). Acesso em: 30 nov. 2021.

CORINA, D. P.; GUTIERREZ, E.; GROSVOLD, M. Sign language production: an overview. *In*: GOLDRICK, M.; FERREIRA, V.; MIOZZO, M. (Ed.). **The Oxford handbook of language production**. New York/USA: Oxford University Press, 2014. p. 393-415.

DAVID, C.; EMMOREY, K.; NICODEMUS, B. **Disfluencies in American Sign Language and English**: what “ums” and “uhs” tell us about language production. San Diego/US: San Diego State University, 2015. Disponível em: <https://slhs.sdsu.edu/lcn/files/2015/05/disfluency.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

EMMOREY, K.; BOSWORTH, R.; KRALJIC, T. Visual feedback and self-monitoring of sign language. *Journal of Memory and Language*, n. 61, v. 3, p. 398-411, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jml.2009.06.001>. Acesso em: 30 nov. 2021.

EMMOREY, K.; TVERSKY, B.; TAYLOR, H. A. Using space to describe space: perspective in speech, sign, and gesture. *Spatial Cognition and Computation*, v. 2, p. 157-180, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1013118114571>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. O movimento de sobrelhas como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 48, jan./jun., 2019. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i48.1235>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FINLAYSON, I, R.; CORLEY, M. Disfluency in dialogue: an intentional signal from the speaker? **Psychon Bull Rev**, v. 19, p. 921–928, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13423-012-0279-x>

FOX TREE, J. E. The effects of false starts and repetitions on the processing of subsequent words in spontaneous speech. **Journal of Memory and Language**, v. 34, p. 709-738, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1006/jmla.1995.1032>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HOHENBERGER, A.; HAPP, D.; LEUNINGER, H. Modality-dependent aspects of sign language production: evidence from slips of the hands and their repairs in German Sign Language. *In*: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Ed.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002. p. 112-142. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486777.006>. Acesso em: 30 nov. 2021.

LE MOS, G. **Narrativas de conflito com alunos surdos e intérpretes de Libras nas relações com a família, a escola e atividades profissionais**. 2019. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019.

LEVELT, W. J. M. Monitoring and self-repair in speech. **Cognition**, v. 14, p. 41-104, 1983. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(83\)90026-4](https://doi.org/10.1016/0010-0277(83)90026-4). Acesso em: 30 nov. 2021.

LEVELT, W. J. M. **Speaking**: from intention to articulation. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

LICKLEY, R. J. Fluency and disfluency. *In*: REDFORD, M. A. (ed.). **The handbook of speech production**. Wiley-Blackwell, 2015. p. 445-469. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118584156.ch20>. Acesso em: 30 nov. 2021.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). **Fala-em-interação social**: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p. 127-162.

MACGREGOR, L. J. **Disfluencies affect language comprehension**: evidence from event-related potentials and recognition memory. 2008. 282 f. Thesis Doctor of Philosophy – School of Philosophy, Psychology and Language Sciences University of Edinburgh, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2009.07.003>. Acesso em: 30 nov. 2021.

MACGREGOR, L. J.; CORLEY, M.; DONALDSON, D. I. Not all disfluencies are equal: the effects of disfluent repetitions on language comprehension. **Brain and Language**, v. 111, p. 36-45, 2009.

MONDADA, L. Multiple temporalities of language and body in interaction: challenges for transcribing multimodality. **Research on Language and Social Interaction**, v. 51, n. 1, p. 85-106, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/08351813.2018.1413878>. Acesso em: 30 nov. 2021.

NEWKIRK, D.; KUMA, E. S.; PEDERSEN, C. C.; BELLUGI, U. Linguistic evidence from slips of the hand. *In*: FROMKIN, V. (Ed.). **Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen, and hand**. San Diego, CA: Academic Press, 1980. p. 165-198.

NICODEMUS, B. Disfluencies in American Sign Language and English: what "ums" and "uhs" tell us about language production. *In*: GERMAN LINGUISTIC SOCIETY (DGfS), 23-25 Feb. 2011, Goettingen. **Anais...** Germany: DGfS, 2011, p. 01-46.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. **Language**, v. 4, n. 50, p. 696-735, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1974.0010>. Acesso em 30/11/2021.

WARREN, P. **Introducing Psycholinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WILKINSON, E.; STEWART, J. Pear story narratives in American Sign Language: a distributional analysis of disfluency types. *In*: CONFERENCE THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH (TISLR) – University of Manitoba. London, July, 2013. **Anais...** England: University of Manitoba, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274373657_Pear_Story_Narratives_in_American_Sign_Language_A_Distributional_Analysis_of_Disfluency_Types. Acesso em: 30 nov. 2021.

Recebido em: 16.08.2020

Aprovado em: 16.02.2021